

## Diversão &amp; Arte



## J. BORGES,

MESTRE  
POPULAR

Referência na arte da xilogravura e na literatura de cordel, o artista morreu ontem, aos 88 anos, em Bezerros, Pernambuco

» NAHIMA MACIEL

Criador de uma coleção de heróis populares e responsável por dar forma a todo um imaginário de histórias nordestinas, o xilogravurista, escritor e poeta J. Borges morreu ontem, aos 88 anos, em casa, em Pernambuco. O artista foi internado há duas semanas por problemas no coração e no pulmão, mas recebeu alta e morreu em casa. O velório será realizado hoje, em Bezerros, município na zona rural de Pernambuco, onde Borges nasceu, em 1935.

José Francisco Borges foi oleiro e inventor de brinquedos antes de, em 1964, aconselhado pelo amigo e poeta Olegário Fernandes, escrever o primeiro cordel. *O Encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina* fez sucesso e vendeu mais de 5 mil exemplares. O artista tinha 21 anos e, com a poesia do pequeno folheto, cuja capa era ilustrada pelo xilogravurista José Soares da Silva, entrou para a cena como um nome de referência na cultura popular brasileira. A primeira ilustração veio a seguir, com o segundo cordel, *O verdadeiro aviso de Frei Damiano sobre os castigos que vêm*.

As xilogravuras que tornaram J. Borges conhecido vieram quando o artista, de maneira pioneira, resolveu deixar de lado os clichês de zinco usados nos anos 1950 para ilustrar os folhetos de cordel e investiu na matriz de madeira, mais barata e mais autêntica, para criar as ilustrações. Deu tão certo que, nos anos 1970, começou a receber encomendas de xilogravuras em grandes formatos. As histórias que começaram com a poesia ganharam então o universo das imagens e J. Borges criou uma coleção de personagens fantásticos que incluíam demônios, personagens alados, muitos vaqueiros e figuras típicas do sertão, além do povo, o maior protagonista das narrativas do artista.

Entre as diversas facetas exploradas por Borges, estão, principalmente, os lados festeiro e profano da cultura popular nordestina. Uma das obras mais conhecidas, *A chegada da prostituta no céu*, resume bem o universo fantástico no qual as leis do céu e da terra se misturam quando a protagonista começa a namorar os anjos. Esse tema foi explorado pela curadora Marcelle Farias em exposição do artista na Caixa Cultural, em 2018. "A importância de J. Borges transcende o âmbito artístico, pois ele representa a valorização da cultura popular e a resistência contra a padronização cultural. Sua arte é uma forma de expressão e identidade, resgatando e valorizando as raízes do povo nordestino", explica a curadora.

Quando perguntado sobre a origem das temáticas que adentravam suas obras, J. Borges costumava responder: "Vem da região, do dia a dia, das histórias do povo". Para a gravadora Helena Lopes, que teve um galeria de gravuras e comercializou algumas obras de Borges, é exatamente esse aspecto do cotidiano o detalhe mais fascinante da obra do artista. "O que me toca realmente na obra dele é a questão da espontaneidade, uma coisa que a gente, que vai com muito conhecimento e muita técnica, perde muito", diz Helena. "Ele me traz uma leitura do mundo que viveu e acho isso uma coisa fantástica, perceber o que acontece ao redor de forma espontânea, poética, com uma reflexão da própria vida."

Para a curadora Renata Azambuja, coordenadora do projeto educativo da exposição *A Arte de J. Borges: do Cordel à Xilogravura*, que ocupou o Centro Cultural Banco do Brasil em 2004, o cordelista fez uma ponte importantíssima entre a arte popular e a erudita. "Ele é aquele tipo de sujeito que, na vida, foi iluminado, esteve no lugar certo na hora certa e acabou possibilitando que a xilogravura, junto com o cordel, acabasse se tornando algo misturado à tal cultura erudita, que a gente sabe que está caindo por terra hoje. Ele tem esse papel super

J. Borges/Divulgação



Obra da Exposição Grotesco

Afonso Oliveira/Divulgação



O artista pernambucano J. Borges construiu uma obra vasta e diversificada

J. Borges era uma lenda nordestina da cultura popular inigualável, de um nível extraordinário, uma genialidade à flor da pele"

Vladimir Carvalho, cineasta

importante, é emblemático nessa situação", explica. O pioneirismo é outro ponto importante. Borges não foi o primeiro a fazer xilogravura para cordel, mas fez da técnica algo popular e um meio de exaltar outros mestres. Reverenciado por artistas plásticos, sempre fazia questão de citar as próprias referências populares. "É um sujeito que sintetiza esse brasileiro nordestino e o cordel é super importante, porque reúne a visualidade da imagem com a escrita e fala de eventos cotidianos que não seriam registrados caso não houvesse alguém que fizesse isso", diz Renata.

Para Evandro Salles, que fez um pequeno documentário sobre o artista para a exposição do CCBB em 2004, Borges é uma referência. "Ele é uma das grandes expressões da visualidade popular no sentido de trazer essa herança, essa tradição visual da narrativa. Ele faz uma narrativa do mundo. A obra dele é uma espécie de narrativa da questão social, cultural. Ele descreve todas as atividades profissionais, as relações humanas, as situações existenciais que aquela sociedade vive a partir de uma perspectiva muito particular", diz. J. Borges tem toda uma coleção de xilogravuras dedicadas às profissões, desde as mais formais, como a psicanalista e Professora, até as menos convencionais, como Carregando água e Apanhadeiras. No mesmo período da exposição no CCBB, o compositor Clodo Ferreira organizou o livro *J. Borges por J. Borges*, que tem apresentação do cineasta Vladimir Carvalho, editado pela Universidade de Brasília (UnB). "Era uma lenda nordestina da cultura popular inigualável, de um nível extraordinário, uma genialidade à flor da pele", destaca Vladimir.

Artur Fonseca, da galeria Reinado da lua, especializada em arte popular, lembra que o artista é uma referência mundial, amigo de Ariano Suassuna, para quem ilustrou livros, e ícone do Movimento Armorial. "Muitos Borges continuam sua tradição na xilogravura, mas não se pode nunca esquecer do desbravador J. Borges, que rompeu barreiras numa época em que arte popular não era valorizada como hoje. Obras como *A chegada da prostituta no céu* impactaram como arte e tema", garante. Borges também ilustrou livros de Eduardo Galeano, de José Saramago e dos irmãos Grimm. Agraciado com a Ordem do Mérito Cultural do Brasil em 1999, recebeu também a Medalha de Honra ao Mérito da Fundação Joaquim Nabuco e foi eleito patrimônio imaterial de Pernambuco, que rendeu uma bolsa que ajudou a criar o Memorial J. Borges, hoje responsável pela venda das gravuras do artista.

O ilustrador Jó Oliveira, que colaborou com J. Borges em uma versão para cordel de Dom Quixote, lembra que o artista era dono de uma generosidade sem concorrência. Quando a obra foi publicada, o xilogravurista cravou "ilustrações de J. Borges, baseado em Jó Oliveira". "Foi como o professor dizer que se baseou em você, aluno. Persegui a cultura popular, na minha formação, e encontrei no J. Borges, um tremendo exemplo de criatividade", lembra Oliveira.

"Em termos de Nordeste, Luiz Gonzaga está para a música; enquanto J. Borges está para a arte popular. Na xilogravura ele é um ícone, e que o Ariano Suassuna dizia ser o melhor", observa o cineasta pernambucano Ítalo Cajueiro, 56, diretor (ao lado de Elvis Kleber) de *O lobisomem e o coronel*, curta balizado pela obra de J. Borges. A obra do artista ainda aparece em outro filme de Cajueiro, *A moça que dançou depois de morta* (2003), que explora o universo do xilogravurista. "*A moça que dançou depois de morta* veio de um folheto de 1973, e no curta, tudo foi feito integralmente em cima da obra de J. Borges", conta Ítalo, que levou obras de 10cm e 15cm para o cinema. O filme rendeu mais de 15 prêmios.

\*Colaborou Ricardo Daehn

ROSA  
MAGALHÃES,  
77  
ANOS

» ANA NEVES\*

Morreu, na noite de quinta-feira, 25 de julho, Rosa Magalhães, aos 77 anos. A confirmação veio da escola de samba Império Serrano, pela qual foi campeã em 1982. A artista sofreu um infarto em casa, no Rio de Janeiro.

Artista plástica, com três graduações — pintura, cenografia e indumentária — e ex-professora da Escola de Belas Artes da UFRJ, Rosa entrou para o mundo do samba em 1970,

levada pelas mãos do então professor Fernando Pamplona, para o Salgueiro.

Vencedora de sete títulos do Grupo Especial, Rosa ajudou a moldar o carnaval atual com seu talento. Ao longo da carreira, comandou os carnavais de escolas como a Imperatriz Leopoldinense, Salgueiro, Vila Isabel, São Clemente, Estácio de Sá, Paraíso do Tuiuti, Portela e Mangueira.

\*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

